

## **O SISTEMA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA.**

### **- ASPECTOS DA SUA EVOLUÇÃO DESDE OS FINAIS DA 2ª GUERRA MUNDIAL E SUA RELAÇÃO COM A ESTRATÉGIA.**

*Por: Major José António Tavares Ramos da Graça \**

*“Não são, porém, apenas razões científicas e académicas que determinam a autonomia e importância do estudo das relações internacionais. Necessidades práticas muito prementes tornam necessário e até indispensável esse estudo.”*

(Adriano Moreira, 2005: 58)

*\* Mestre e Doutorando em História, Defesa e Relações Internacionais/ ISCTE, Lisboa;  
Major das Forças Armadas de Cabo Verde, Subdirector da Escola Militar;  
Investigador e Docente Universitário.*

## **INTRODUÇÃO**

É preocupação do autor, com este artigo, estabelecer a relação entre o Sistema Internacional (SI) e a Estratégia, bem como descrever alguns aspectos da sua evolução, nestas últimas décadas.

Para o efeito, recorreu-se a um conjunto de autores que se têm debruçado sobre a temática, com o fito de trazer o máximo de informações possíveis sobre o assunto, e, assim, puder contribuir para que o leitor interessado tenha na sua posse um artigo que lhe possa ser útil nos seus estudos.

O método de pesquisa utilizado assenta-se na investigação bibliográfica, com a qual o autor tenta oferecer um visão sistematizada e alargada de como o Sistema Internacional (SI) tem evoluído desde os finais da 2ª Guerra Mundial à actualidade, e de como o SI interage com a Estratégia, num jogo em que ambos podem afectar-se mutuamente.

O autor pretende, tão-somente, dar uma modesta contribuição para uma melhor compreensão da relação epistemológica existente entre duas dimensões da Ciência Política, que se complementam: o Sistema Político Internacional e a Estratégia, mas dando enfoque a evolução daquele.

Este artigo será complementado por um outro, que se encontra na “forja”, cujo objecto é *a nova conflitualidade*, um distintivo do actual ambiente estratégico internacional, que se caracteriza pelo surgimento de novos actores internacionais, não-estaduais, com capacidade para perturbar a paz e a segurança internacionais.

Como é sabido, o ambiente estratégico de hoje é marcado pela incapacidade de, em todos os níveis estratégicos, os actores weberianos/ clausewitzianos fazerem face, de forma isolada, às chamadas *novas ameaças*, com a eficácia desejada, pelo que a cooperação no domínio da segurança impõe-se como uma marca, incontornável, dos tempos que correm. Vejamos doravante o que propomos, no quadro deste artigo.

## **O SISTEMA INTERNACIONAL E A ESTRATÉGIA**

A caracterização do SI e o estudo aprofundado dos elementos que o enformam mostram-se incontornáveis aos olhos dos decisores políticos e/ou estrategistas, se estes não quiserem ter surpresas desagradáveis, com as suas escolhas. Desenvolver qualquer acção estratégica sem esta preocupação, é ser-se inconsequente com a natureza da Estratégia e os objectivos que esta procura servir, tendo em conta que “*o quadro das forças e tendências do sistema internacional é também o espaço de trabalho dos decisores da política da segurança e da estratégia.*”<sup>1</sup>

Na mesma linha, Cravinho, embora este não faça referência à dimensão estratégica da vida global, argumenta que o estudo do contexto internacional vem gozando de uma importância crescente nas últimas décadas.<sup>2</sup> Não é difícil aos estudiosos dessas matérias concluir que este autor está certo.

Definindo o Sistema Internacional, dir-se-ia que se trata da dimensão social, na qual actores de várias naturezas actuam, num emaranhado de relações a diversos níveis: públicos e privados, sujeitando a regras que condicionam o seu comportamento, mas

---

<sup>1</sup> STOLBERG, Alan G. (2006). “*The International System in the 21st Century*”, Capítulo I, in J. Boone Bartholomees, Jr (Editor), *U.S. Army War College Guide to National Security Policy and Strategy*, 2ª Ed., U.S. Army War College Guide, Washington, p. 3

<sup>2</sup> CRAVINHO, João Gomes (2006). *Visões do Mundo (As Relações Internacionais e o Mundo Contemporâneo)*, 2ª Edição, ICS, Lisboa, p. 31

procurando cada um deles promover os respectivos objectivos. Esta dimensão, segundo John Ferguson, em “War and Peace in the World’s Religions”, “(...) inclui os papéis e interações entre os actores estaduais e não-estaduais, conjuntamente com Organizações Internacionais (OI), Corporações Internacionais (CI) e organizações não-governamentais (ONG).<sup>3</sup>

Assim, o estudo das relações internacionais impõe-se como algo importante para o estrategista, tendo em conta que é ali que convivem vários elementos: as ameaças, as oportunidades, as vulnerabilidades, os aliados e adversários que deverão ser identificados e estudados. Nunca devemos perder de vista que ameaças devem ser, sempre, objecto de investigação e análise, quanto à origem, natureza e grau de periculosidade.

Beaufre, no seu livro *Introduction a la Estratégie*, evidencia a importância do ambiente internacional no processo de conceptualização e da conduta estratégicas, enquanto uma das dimensões enquadrantes do *métier* do estratega. Este autor sustenta que “(...) pour limiter les chances d’erreur aux terribles conséquences, il devient indispensable d’organiser au mieux «l’étude de la conjoncture»”.<sup>4 5</sup>

Continuando, o referido teorizador da estratégia adensa ser “(...) extrêmement important de bien prévoir, [o que é] plus important que (...) de réaliser des forces dont la valeur serait incertaine. Pas de stratégie moderne sans organes d’études puissamment outillés, sans une très bonne méthode d’analyse des situations (...)”<sup>6 7</sup>

Com efeito, o conhecimento do SI torna-se imprescindível para os estudos estratégicos, tendo em conta que a validação destes só é possível quanto todo o processo de conceptualização e acção estratégicas é enquadrado por aquele.

A estratégia move-se e encontra vida, por conseguinte, no quadro das relações internacionais, engendradas por actores cujos objectivos são, em determinadas matérias e momentos, para não dizer, quase sempre antagónicos.

---

<sup>3</sup> *Idem Ibidem*

<sup>4</sup> BEAUFRE, Général (1965). *Introduction a la Stratégie*, Librairie Armand Colin, 3<sup>o</sup> Édition, Paris, p. 122

<sup>5</sup> “(...) para limitar as possibilidades de errar com terríveis consequências, mostra-se indispensável organizar melhor o estudo da conjuntura (...).” – Tradução do autor.

<sup>6</sup> *Idem*. pp. 122 e 123

<sup>7</sup> “(...) extremamente importante prever convenientemente,[o que é] mais importante (...) que levantar forças cujo valor seria incerto. Não há estratégia moderna sem organismos de estudos devidamente preparados, sem um satisfatório método de análise das situações (...).” – Tradução do autor.

## A EVOLUÇÃO DO SISTEMA POLÍTICO INTERNACIONAL DO FINAL DA 2ª GUERRA MUNDIAL À ACTUALIDADE

O SI tem evoluído ao longo dos tempos e com maior acuidade nos últimos vinte e cinco anos. É sabido de que novos fenómenos de alcance mundial vêm, em larga medida, afectando a vida global. O Estado-nação que outrora era o cerne das relações internacionais vê-se, actualmente, desafiado nas suas actuações por entidades não estaduais, embora aquele continue sendo o principal actor da vida internacional.

Tomemos como ponto de partida o ano de 1945, ano em que termina a 2ª Guerra Mundial, que, como é sabido, provocou alterações de fundo no SI. A Europa, outrora, centro do poderio mundial, sai deste conflito arruinada e dilacerada sob vários pontos de vista.

O ano de 1947 é, porém, o marco cronológico a partir do qual os governantes tomam a consciência de que a paz pretendida com a criação das Nações Unidas não tinha sido alcançada<sup>8</sup>. A Europa encontra-se dilacerada pelo conflito mundial, e sai dele sem o poder e prestígio que tinha anteriormente. Contudo, já se percebia que nas conferências de Ialta e Podsdam de 1943, começam a ser induzidas duas esferas de influência em torno dos “núcleos” EUA e URSS.

Era, por conseguinte, o início de um sistema internacional, assente numa estrutura bipolar, em que os dois centros de poder residiam doravante fora da Europa Ocidental. O poder mundial está agora dividido entre os dois maiores aliados na 2ª Guerra Mundial, contra o eixo Berlim-Roma-Tóquio; os EUA e a URSS.

Os dois pólos, em breve estariam em confronto pela hegemonia mundial, querendo dar razão a afirmação de que com o desfecho do conflito “(...) *as alianças [deram] lugar à desconfiança e à confrontação brutal. O fim da guerra não [deu] origem a um mundo unido, mas sim a um mundo bipolar (...)* [e] *não é, menos verdade que, em breve, [seria] a desconfiança a imperar.*”<sup>9</sup>

Tal situação contribuiria decisivamente para a paralisação da ONU nas suas funções principais, enquanto organismo responsável pela paz e segurança

---

<sup>8</sup> Protestos russos contra a decisão dos Ingleses e Americanos sobre a unificação de zonas sob a sua jurisdição na Alemanha e as indemnizações; impasse nas negociações respeitantes à «desnazificação» e às fronteiras orientais da Alemanha; Desentendimentos quanto à forma de governo para a Alemanha e ao controlo do Rur; divergência com o Tratado de paz com a Áustria; Ausência de entendimento sobre questões pertinentes na Conferência de Londres de 25 de Novembro a 18 de Dezembro de 1947, são exemplos de acontecimentos que mostram que a paz desejada era apenas uma miragem. (Vaisse, 2005: 31)

<sup>9</sup> VAISSE, Maurice (2005). *As Relações Internacionais desde 1945*, Edições 70, Lda., Lisboa, p. 10

internacionais. As divisões entre os dois grandes no Conselho de Segurança das Nações Unidas (NU) eram latentes na medida em que cada um procurava impor os seus «projectos geopolíticos» ao mundo.

O contexto leva os dois Estados a o que se apelida de «dilema da segurança». Em breve, o mundo assiste a uma verdadeira política armamentista, desencadeada pelos dois antagonistas, num ciclo vicioso, que na história das relações internacionais é conhecido por «corrida aos armamentos».

Na sequência disso, o mundo é dividido em dois blocos antagónicos, um liderado pelos EUA, denominado Bloco Ocidental e outro conduzido pela União Soviética, designado Bloco de Leste, tendo como braços armados a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, sigla inglesa, criada em 1949) e o Pacto de Varsóvia (formado em 1955), respectivamente. A própria Europa era dividida em duas zonas de influência.

O campo dessa confrontação extravasa, porém, a Europa. Na Ásia, assiste-se a um *frenesim* entre os dois poderes mundiais, que procuram alargar a sua influência nesse continente, considerado estratégico para os projectos hegemónicos de cada uma das superpotências, que almejam lançar mãos de áreas de elevado valor geoestratégico, em que o elemento ideológico é secundarizado, ou então, utilizado como desculpa pública para as acções empreendidas ou a serem levadas a cabo.

Como afirma Maurice Vaisse, o problema para além de ser político e militar é «também económico»<sup>10</sup>, pelo que é errado pensar que o embate entre as duas superpotências fosse apenas ideológico. Na realidade, o confronto era essencialmente geopolítico e também geoestratégico.

Em simultâneo, a Alemanha que se encontra dividida entre as duas esferas de influência, torna-se o principal palco das disputas geoestratégicas entre os EUA e a URSS. Enquanto os aliados ocidentais, sobretudo a França, defendem a criação de um estado alemão federal, a União Soviética procura impor um modelo de estado centralizado. Como avança Vaisse, “(...) o problema alemão tornou-se no pomo da discórdia entre os antigos aliados (...)”.<sup>11</sup>

O pós-Guerra que se esperava ser de paz e de prosperidade resultou num mundo altamente instável e perigoso. É neste ambiente que surgem os movimentos de

---

<sup>10</sup> VAISSE, Maurice (2005). *Op. Cit.*, p. 33

<sup>11</sup> *idem*, p. 25

libertação nacional<sup>12</sup>, na Ásia e na África, e as suas acções irão produzir grandes consequências no xadrez político internacional. A partir de um determinado momento, o palco das lutas de libertação nacional passou a ser o teatro escolhido pelas superpotências para diferentes formas de confrontação.

Entretanto, no processo de confrontação, entre as duas potências mundiais, existe um momento em que estas coexistem pacificamente. Para Vaisse<sup>13</sup>, antecede, entretanto, esse momento um «período intermédio» que se estende de 1955 a 1962, entrecortado por algumas «crises violentas», mas muitas delas resolvidas por via diplomática.

Nota-se que esta faixa temporal coincide com a independência da maior parte das antigas colónias e a realização da Conferência de Bandung (1955), em que estas proclamam o seu *não-alinhamento* em relação aos dois poderes mundiais, os EUA e a URSS. Era o nascimento do chamado “Terceiro Mundo”.

É também o momento em que se fala no equilíbrio do terror, em que a URSS, utilizando a estratégia de dissuasão nuclear, consegue, no campo da sua política externa, ganhos diplomáticos importantes. Basta ver o que se passou no Egipto, com o caso de Suez, em que a França e a Inglaterra são obrigadas a abandonar as suas pretensões de continuar na posse do canal, numa situação em que não têm qualquer apoio do seu principal aliado, os EUA. Dessa situação, a União Soviética tira preciosos proveitos políticos.<sup>14</sup>

Estes acontecimentos, aliados a outros de não somenos gravidade, como foram a questão da Hungria, o caso de Berlim, considerado o «epicentro» da Guerra Fria, a mencionada luta de libertação em África, a crise dos mísseis de Cuba, as pretensões da China em relação ao estreito de Taiwan e a crise sino-soviética, indiciavam um mundo em convulsões.

Contudo, os anos 60 trouxeram alguma distensão no relacionamento entre os EUA e a URSS. Vaisse, referindo-se à nova situação, nota que “*o ano de 1962 inaugura uma nova era de aproximação e de cooperação. A resolução do problema dos mísseis*

---

<sup>12</sup> Esses movimentos inspiraram-se em doutrinas como a bolchevique, a maoista, a trtskista e nos êxitos conseguidos no Vietname pelas forças revolucionárias de Ho Chi Min.

<sup>13</sup> VAISSE, Maurice (2005). *Op. Cit.*, p. 65

<sup>14</sup> Por exemplo, “[a] diplomacia soviética tira habilmente partido do jogo da dissuasão nuclear, ameaçando a França e a Inglaterra, aquando da crise de Suez (...) e intimidando a América com os seus êxitos no espaço.” (Vaisse, 2005: 87)

*cubano, que coincide com o fim da crise de Berlim (...) dá início ao desanuviamento. As consequências dessa nova situação são imensas.”*<sup>15</sup>

Acontecimentos importantes têm lugar durante a fase denominada de *desanuviamento*, cuja baliza temporal se situa entre 1962 e 1973. No interior dos blocos político-militares, NATO e Pacto de Varsóvia, assistem-se desentendimentos graves. Por exemplo, De Gaulle indis põem os Americanos e restantes aliados europeus, com os seus posicionamentos em relação à NATO.

Durante o seu mandato, o estadista francês não colabora com os norte-americanos na questão nuclear e noutras questões ligadas à defesa. Veta a entrada da Grã-Bretanha na CEE, prejudicando o processo de integração europeia; pede a Washington que retirasse as suas forças estacionadas no território francês, desde a 2ª Guerra Mundial; reconhece a China Comunista, e também; com ele, a França retira-se da NATO em 1966, e perante a situação “*a resposta de Washington a todas essas provocações foi sempre ineficazes. De Gaulle rejeitou sucessivas tentativas de reconciliação.*”<sup>16</sup>

Do lado de lá da barricada, Krushev enfrenta enormes dificuldades, no relacionamento com a China Comunista. O relacionamento sino-soviético estava seriamente ameaçado por motivações essencialmente nacionalistas e geopolíticas, exibidas por ambas as partes.

Também, desentendimentos sobre o posicionamento a adoptar em relação aos EUA e os seus aliados e sobre outros acontecimentos, constituíam uma forte fonte de discórdia entre Moscovo e Pequim. Face ao quadro de clivagens permanentes, os dois países cortam relações, o que constituiu um revés para o bloco comunista.<sup>17</sup>

Apesar das diligências diplomáticas desenvolvidas pelas duas potências hegemónicas, os confrontos continuam a ter lugar, embora de forma indirecta. O foco de tensão transfere-se da Europa para as áreas do dito Terceiro Mundo. A África, a Ásia, a América Latina e o Médio Oriente vêm desenvolvidas no seu bojo guerras sangrentas, promovidas e suportadas pelas duas potências mundiais e pelos seus aliados. O objectivo é o alargamento das respectivas áreas de influência. É a fase das «guerra por procuração», no dizer de Adriano Moreira.

---

<sup>15</sup> VAISSE, Maurice (2005). *Op. Cit.*, p. 93

<sup>16</sup> GADDIS, John Lewis (2007). *A Guerra Fria*, Edições 70, Lisboa, Março, p. 147

<sup>17</sup> *Idem, Ibidem*

Os esforços de desanuviamento verificados nesta fase, porém, não travam a corrida aos armamentos. A União Soviética, a despeito disso, investe bastante em fabrico de armamento estratégico, chegando a ultrapassar os EUA, tanto em forças convencionais, com em meios nucleares<sup>18</sup>. Contudo, em termos económicos e de tecnologia de ponta, os últimos parecem levar a melhor.

Tanto uma como a outra superpotência procurava superar a outra, em todos os aspectos, sobretudo no plano militar. Por causa disso, um forte sentimento de desconfiança instalou-se entre elas.

E, a partir daí, qualquer passo que pudesse marcar a diferença, no sentido de uma superioridade estratégica, era visto, automaticamente, pela outra parte como uma ameaça, que teria, a todo o custo, que ser anulada, num quadro em que a auto-ajuda apresenta-se como uma das regras caracterizadoras das relações entre Estados.

Para Dougherty e Pfaltzgraff, Jr., a auto-ajuda, num quadro estratégico do tipo, impõe-se como forma, por excelência, de segurança. Prosseguindo, admitem que a desconfiança que se instalou entre as duas superpotências explica isso e que *“aqui, a questão fulcral obriga a perguntar até que ponto o esforço de um estado para alcançar a sua segurança não é entendido por outro estado como uma ameaça à segurança deste.”*<sup>19</sup>

Nos anos 70, o mundo conhece momentos difíceis sob vários pontos de vista, motivados por uma instabilidade que afecta todo o planeta. Velhos conflitos reacendem-se em alguns pontos do globo e noutros, outrora pacíficos, surgem situações de conflito.<sup>20</sup>

Para agravar a situação político-militar, o mundo é abalado fortemente por uma crise económica, que começou por ser financeira, na sequência das medidas de Nixon, que, em 1971, desvaloriza o dólar, criando problemas sérios ao mercado financeiro mundial.

---

<sup>18</sup> “(...) desde 1973 que os Soviéticos promovem ensaios, com êxitos, de engenhos de ogivas múltiplas (MIRV) [e] aperfeiçoam um míssil de médio alcance (...), o SS20, que pode atingir toda a Europa Ocidental (...) experimentado em 1970. (...) «no início dos anos 80, o balanço das forças», feito pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, atribui a URSS, no que ao armamento nuclear diz respeito, o lugar da primeira potência militar do globo. (...) A URSS instala na Europa de Leste, a partir de 1977, uma rede de 330 foguetes SS20.” (Vaisse, 2005: 161)

<sup>19</sup> DOUGHERTY, James E., PFALTZGRAFF, Robert L. Jr. (2003). *Relações Internacionais*, Gradiva, Lisboa, p. 81

<sup>20</sup> Assistem-se a golpes de estados no Paquistão, assassinatos políticos na Índia, a Revolução Islâmica no Irão, intervenção do Exército Vermelho no Afeganistão, fome e conflitos armados em África, entre outros sangrentos acontecimentos. (Vaisse, 2005: 190-193)



Ainda sem que o mundo se tivesse recomposto do abalo financeiro, «explode», em 1973, na sequência da guerra de Yon Kippur, à crise petrolífera, quando os países da OPEP resolvem embargar a venda de petróleo a determinados Estados, diminuir a sua produção e aumentar o seu preço. A crise foi de tal forma profunda, que acabou por afectar a economia mundial, que na altura se encontrava em crescimento.

O choque petrolífero, nome que foi dado à aludida crise, abalou drasticamente o mundo já em tumulto, num momento em que o consumo desta fonte de energia vem aumentando, em virtude das necessidades dos consumos domésticos e das indústrias em expansão.

Assim, de 1973 a 1985, assiste-se ao desfilar de um mundo desestabilizado, não apenas por razões político-militares, mas, também, por motivos de ordem económica. A desconfiança e a rivalidade continuam a caracterizar o dia-a-dia do relacionamento entre as duas superpotências. Porém, a Guerra-Fria viria a ganhar uma nova dimensão, num momento em que ambos os blocos em confronto se encontram mergulhados em problemas profundos.

De 1985 a 1992, acontecimentos importantes ocorrem na vida política internacional, que acabarão por desencadear o fim da Guerra-Fria, que será marcado pela implosão da União Soviética, em 1989, em virtude de graves dificuldades económicas e na sequência da implementação de medidas políticas defendidas por Gorbatchev, no quadro da *Perestroika*<sup>21</sup> e *Glasnost*. Este estadista russo, que chega ao poder em 1985, aos poucos introduz importantes reformas políticas e económicas na União Soviética, e essas medidas acabariam por contribuíram para o desmoronar desta unidade política, ditando o fim do sistema bipolar que vigorava desde o final da 2ª Guerra Mundial.

Em breve tínhamos uma ordem internacional em que uma só potência, os EUA, se impunha como verdadeiro poder mundial, sem qualquer rival à altura, mas obrigada a lidar com um mundo cada vez mais imprevisível, caracterizado por uma inequívoca ambiguidade e volatilidade.

Com efeito, o fim da Guerra-Fria, a despeito das expectativas originais, no sentido da instalação da «Paz do Século», propicia o surgimento de novos fenómenos,

---

<sup>21</sup> Nome dado a um conjunto de medidas tomadas por Gorbatchev. Destas, pode mencionar-se a redução das despesas no domínio militar, a desocupação imediata do Afeganistão; a negociação com os EUA, a redução de armamentos e a não interferência nos assuntos dos outros países comunistas.

desafios e ameaças. O Estado vê o seu poder desafiado por outros actores, que reclamam um papel cada vez mais importante na vida internacional.

Novos desafios à segurança internacional impendem sobre actores das relações internacionais, em virtude do surgimento de novos fenómenos que ameaçam a estabilidade e o bem-estar da Humanidade de que os estados falhados e o terrorismo transnacional constituem inequívocos exemplos.<sup>22</sup>

Com isso, o mundo altera-se brutalmente, pois sofre “*o impacto do fim da Guerra Fria (...), sobretudo no apoio prestado pelas grandes potências aos conflitos por procuração, o impacto da globalização, (...), da desregulação da economia internacional, das migrações, da difusão de uma cultura transnacional (...).*”<sup>23</sup>

Por outro lado, as chamadas ameaças não clausewitzianas<sup>24</sup> e o aparecimento de problemas ambientais de carácter transnacional interpelam as nações para uma resposta colectiva, em virtude da natureza dos mesmos e os impactos que podem ter ao nível da segurança e bem-estar colectivos.

Assim, “*enquanto o Estado-nação, codificado pelos Tratados de Vestefália de 1648, se mantém como o elemento principal nas relações internacionais, a sua capacidade (...) tem sido desafiada por actores não-estaduais, estados falhados e zonas em crise de governação.*”<sup>25</sup>

Ao lado destes fenómenos, outros com forte impacto a nível mundial têm-se manifestado, pondo a nu alguma fragilidade dos Estados para responder a determinadas situações que ameaçam a sua segurança e a sua própria sobrevivência, como o narcotráfico, o crime organizado, o tráfico de seres humanos, os problemas ambientais de dimensão mundial e as pandemias, cuja resposta requer um esforço combinado de combate entre actores estaduais e não-estaduais.

Desde meados do século XVII, que o Estado-nação representa o actor dominante no sistema das relações internacionais. Entretanto, com o evoluir do SI, actores não-estaduais vêm ganhando maior importância e influência no funcionamento da vida

---

<sup>22</sup> Com o *terminus* da Guerra-Fria, determinados estados que outrora beneficiavam dos apoios económicos e militares de uma das duas potências antagónicas (EUA e URSS) deixaram de o ter, o que os leva a enfrentar graves problemas.

<sup>23</sup> GARCIA, Francisco Proença (2006). *As Guerras do Terceiro Tipo e a Estratégia Militar*, in [www.revistamilitar.pt](http://www.revistamilitar.pt) de 16 de Janeiro de 2006

<sup>24</sup> Expressão utilizada por Loureiro dos Santos para significar ameaças provenientes de actores não estaduais ou sem a natureza e estrutura que têm as ameaças do tipo convencional.

<sup>25</sup> STOLBERG, Alan G. (2006), *Op. Cit.*, p. 3

internacional, podendo as suas acções perturbar o normal funcionamento dos Estados, com efeitos desastrosos a nível da segurança regional e internacional.<sup>26</sup>

Outro fenómeno que vem emergindo na cena internacional, e que tem introduzido alterações de monta no ambiente de segurança mundial é a emergência dos estados falhados. Um estado falhado caracteriza-se por não conseguir realizar as tarefas que, normalmente, se espera dum Estado, em condições normais, já que se torna “(...) *ingovernável e perdeu a legitimidade na perspectiva da comunidade internacional. Em muitos casos, encontra-se nas mãos de criminosos, senhores da guerra, grupos armados ou fanáticos religiosos.*”<sup>27</sup>

A globalização, acelerada pela chamada «revolução informacional», propiciada pela evolução tecnológica, no sector das telecomunicações, constitui um dos traços marcantes do actual SI. Embora ela tenha trazido ganhos para a Humanidade, muitos são os problemas que dele decorrem, como foi referido anteriormente. Por exemplo, em determinados países, o fenómeno, ao invés de trazer vantagens, traz problemas enormes, tanto do ponto de vista económico, como social.

Segundo Joseph E. Stiglitz, o liberalismo, decorrente do processo de globalização, tem, por via da instalação das multinacionais, em alguns país, o efeito de levar a ruína a concorrência local, por causa duma política de *dumping*<sup>28</sup>, que acaba por sufocar as empresas locais, como tem acontecido com a *Coca-Cola*, a *Pepsi* e a *Unilever*.<sup>29</sup>

Um aspecto que vem evidenciando cada vez com maior força, no actual estado de coisas na arena internacional é o recrudescer do fenómeno conhecido por *nova conflitualidade*, assunto que será revisitado no artigo seguinte, pelo autor.

---

<sup>26</sup> STOLBERG, Alan G. (2006). *Op. Cit.*, p.3

<sup>27</sup> *Idem* p. 6

<sup>28</sup> Política de abaixamento do preço de um ou de mais produtos, feito por empresas poderosas, não por razões normais do funcionamento do mercado, mas com o objectivo de eliminar a concorrência local, num sector considerado, a fim de alcançar o monopólio, e a partir daí estabelecer os preços que lhes convém.

<sup>29</sup> STIGLITZ, Joseph E. (2002). *Globalização; A Grande Desilusão*, Terramar, Lisboa, p. 113

## CONCLUSÃO

Com este *paper*, foi a intenção do autor trazer aos interessados aspectos pertinentes que se prendem com o relacionamento que se pode estabelecer entre o Sistema Internacional, palco das relações entre actores que interagem na arena mundial, e a Estratégia, actividade que tem por finalidade estudar e analisar aspectos de antagonismo existentes entre entidades estaduais e não-estaduais, e propor às organizações, sejam de que natureza e tipo são, os melhores métodos e meios, tendo sempre em consideração as capacidades de cada uma, para que possam prevalecer na *luta* no seio do SI.

Ficou também claro que o SI, o que equivale a dizer, o ambiente estratégico internacional não é estático, pelo que o seu constante estudo impõe-se como sendo um imperativo, quando nestas matérias queremos ser sérios.

Os responsáveis para dotar às organizações de conceitos estratégicos de acção, sejam a que nível de responsabilidade se situam e sejam a que sector nacional pertencem, devem ter esta premissa sempre em devida conta, sob pena de verem essas ferramentas a serem ultrapassadas pela realidade que as devem dar corpo e a serem expurgadas do valor prático para que forem criadas, correndo o risco de se tornarem em autênticas letras mortas.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Francisco (2002). *Fundamentos de Estratégia Militar e Empresarial*, 1ª Ed., Edições Sílabo, Lda., Lisboa.
- BARTHOLOMEES Jr. J. Boone (2006). “A Survey of Theory of Strategic”, Capítulo 7, in J. Boone Bartholomees, Jr (Editor), *U.S. Army War College Guide to National Security Policy and Strategy*, 2ª Ed., U.S. Army War College Guide, Washington.
- BOBBIO, Norberto (2000). *Teoria Geral da Política*, Editora Campus, Lisboa.
- BEAUFRE, Général (1965). *Introduction a la Estratégie*, Librairie Armand Colin, 3º Édition, Paris.
- COHEN, Saul Bernard (2003). *Geopolitics of the World System*, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., Bóston.

- CORREIA, Pedro de Pizarat (2004). *Manual de Geopolítica e Geoestratégia* (Vol. I e II), 2ª Edição, Quarteto Editora, Coimbra.
- COUTO, Abel Cabral (1988). *Elementos de Estratégia, Vol. I*, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa
- COUTO, Abel Cabral (1989). *Elementos de Estratégia, Vol. II*, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa.
- CRAVINHO, João Gomes (2006). *Visões do Mundo (As Relações Internacionais e o Mundo Contemporâneo)*, 2ª Edição, ICS, Lisboa.
- DIAS, Carlos Manuel Mendes (2005). *Geopolítica: Teorização Clássica e Ensinos*, Prefácio, Lisboa.
- DOUGHERTY, James E., PFALTZGRAFF, Robert L. Jr. (2003). *Relações Internacionais*, Gradiva, Lisboa.
- FERNANDES, António Horta e ABREU, Francisco (2004). *Pensar a Estratégia – Do Político-Militar ao Empresarial*, Edições Sílabo, Lisboa.
- FUKUYAMA, Francis (2007). *O Fim da História e o Último Homem*, Gradiva, Lisboa.
- GADDIS, John Lewis (2007). *A Guerra Fria*, Edições 70, Lisboa, Março.
- GORBATCHOV (1988). Mikhail, *Perestroika (Anos de Transformação e de Esperança para a URSS e para o Mundo)*, Publicações Europa-América, Lisboa, Agosto.
- KENNEDY, Paul (1993). *Desafios para o Século XXI*, Vol. I, Publicações Europa-América, Lisboa.
- KISSINGER, Henry (2007). *Diplomacia*, Gradiva, Lisboa, Outubro.
- MALTEZ, José Adelino (2002). *Curso de Relações Internacionais*, 1ª Ed., Principia, Lisboa, Outubro.
- MOREIRA, Adriano (2006). *Ciência Política*, 3ª Edição, Almedina, Coimbra.
- MOREIRA, Adriano (2005). *Teoria das Relações Internacionais*, 5ª Edição, Edições Almedina, Coimbra.
- SANTOS, Loureiro dos (2003). *E Depois do Iraque*, 2ªEd, Publicações Europa-América, Lisboa, Julho.
- SANTOS, Loureiro dos, (1989) *Incursões no Domínio da Estratégia*, 1ªEd, Publicações Europa-América, Lisboa, Maio.
- SANTOS, Loureiro dos (2000). *Reflexões sobre Estratégia, Temas de Segurança e Defesa*, Instituto de Altos Estudos Militares/Publicações Europa-América, Lisboa, Março.

- SKELLENKA, Stephen D. (2007), *Strategy, National Interests, and Means to an End*, Carlisle, Strategic Studies Institute, USAWC, Outubro.
- STOLBERG, Alan G. (2006). “*The International System in the 21st Century*”, Capítulo I, in J. Boone Bartholomees, Jr (Editor), *U.S. Army War College Guide to National Security Policy and Strategy*, 2ª Ed., U.S. Army War College Guide, Washington.
- STIGLITZ, Joseph E. (2002). *Globalização; A Grande Desilusão*, Terramar, Lisboa
- VON CLAUSEWITZ (1997). *Da Guerra*, 2º Ed., Tradução Portuguesa de Inês Busse, Publicações Europa-América, Lisboa, Outubro.
- VAISSE, Maurice (2005). *As Relações Internacionais desde 1945*, Edições 70, Lda., Lisboa.
- YARGER, Harry R. (2006). *Strategic Theory for the 21st Century: The Little Book on Big Strategy*, Carlisle, Strategic Studies Institute, USAWC.